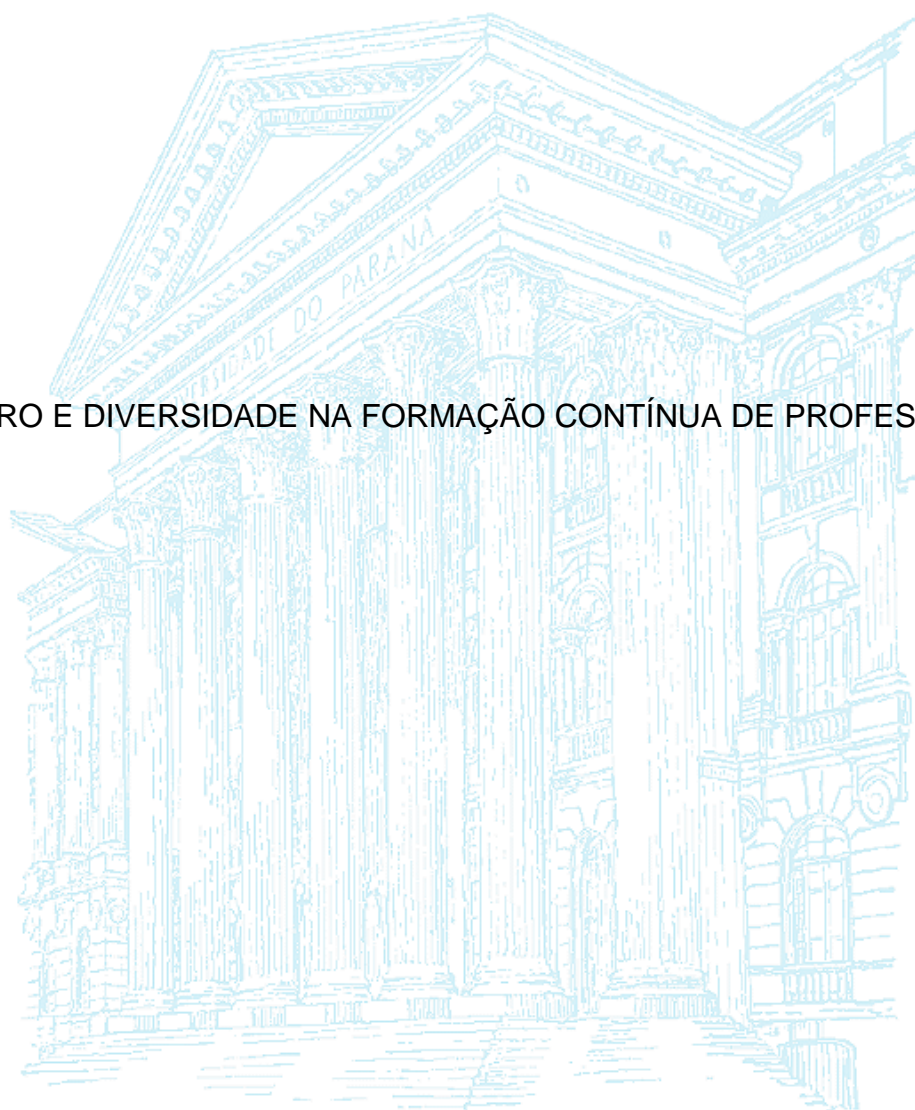


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VINICIUS TAVANO

GÊNERO E DIVERSIDADE NA FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES



CURITIBA
2016

VINICIUS TAVANO

GÊNERO E DIVERSIDADE NA FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Professor Dr Clynton Correa

CURITIBA
2016

GÊNERO E DIVERSIDADE NA FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES

Vinicius Tavano¹; Clynton Correa - Orientador²

¹E-mail: vetao2000@hotmail.com

² E-mail: clyntoncorrea@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa foi concebida como proposta do trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola, promovido pela Universidade Federal do Paraná-UFPR e apresenta a análise a partir de uma ação formativa de oito horas/aulas que contou com a participação de 35 professores de uma escola da rede municipal localizada no extremo leste da cidade de São Paulo, cuja temática era a abordagem da questão de gênero no ambiente escolar. O desenvolvimento da ação ocorreu durante os horários coletivos de formação docente, no qual multiplicamos alguns dos materiais teóricos utilizados durante este curso. Neste trabalho registramos os olhares dos educadores quanto ao engajamento sobre a questão de gênero sexual, nossas impressões sobre o processo de intervenção em relação à temática em sala de aula e apontamos as possibilidades e os desafios existentes no contexto escolar objetivando a ampliação do debate sobre a questão de gênero no ambiente educativo.

Palavras-chave: gênero; educação; formação de professores

Abstract: This research was designed as a proposal of the course conclusion on Gênero e Diversidade na Escola, sponsored by the Universidade Federal do Paraná-UFPR and presents the analysis from a formative action eight hours / classes that featured 35 teachers from a municipal school located on the eastern edge of the city of São Paulo, whose theme was addressing the issue of gender in the school environment. The development of the action took place during the collective hours of teacher training, which multiply some of the theoretical materials used during this course. In this work we recorded the eyes of educators as to engage on the issue of sexual gender, our impressions of what situation is the intervention process in relation to the subject in the classroom and point out the opportunities and challenges that exist in the school context with the objective of broadening the debate on the issue of gender in the educational environment.

Keywords: gender; education; teacher training

¹ Discente do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Paraná (UFPR – Litoral), Mestre em Educação, Arte e História da cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Coordenador Pedagógico pela Prefeitura Municipal de São Paulo e professor do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Paschoal Dantas.

² Orientador do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Paraná (UFPR – Litoral), especialista em Fisioterapia Neurofuncional, Mestre e Doutor em Ciências Morfológicas. Pós-doutorado em Neurobiologia pela Universidade Santiago de Compostela, Professor do curso de Fisioterapia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

A questão de gênero sexual é uma temática que necessita estar presente nos momentos formativos docentes pois os professores necessitam acompanhar os debates a respeito do tema, mas porque trata-se de uma temática presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2010).

A Escola, na condição de instituição do ensino e da aprendizagem e, por princípio, laica (no caso das escolas públicas), cujo objetivo primaz é formar cidadãos críticos e ativos, em interação com o mundo e transformando-o (FREIRE, 2006) é a instituição que apresenta, em tese as melhores condições para uma orientação desprovida dos preconceitos, contribuindo para a quebra de visões estereotipadas sobre os gêneros.

A questão que se levanta é: estariam os professores preparados para abordagens de temas ligados à sexualidade objetivando a transformação das mentalidades e a quebra de conceitos e estereótipos que envolvem a condição da mulher na sociedade contemporânea?

Este trabalho pretende apresentar o desenvolvimento de uma pesquisa sobre a formação em serviço do professor tendo a escola como *lócus* privilegiado para a formação objetivando apontar se os professores são chamados, ou não, ao debate sobre as temáticas relacionadas ao gênero sexual a partir do processo de formação permanente.

Nossa pesquisa levantou dados que indicavam o nível de formação bem como o grau de compreensão e comprometimento dos profissionais de Educação em relação a abordagem de currículos que favoreçam a formação global do indivíduo além de discutir estratégias para a inserção qualificada das questões de gênero na formação continuada de professores.

A formação continuada de professores é uma importante etapa do processo formativo que segundo Freire (2006) deve ser contínuo porque o indivíduo é um ser inacabado. Dada esta incompletude, nos transformamos à medida que entramos em contato com o novo e nem sempre esse novo nos transforma para o bem. Quando estamos em contato com ideologias que buscam a manutenção do *status quo*, o indivíduo tende, mesmo que inconscientemente, a reproduzir uma sociedade injusta e perversa.

A temática a respeito de gênero, do papel da mulher na sociedade e, mais ainda, do conceito de identidade de gênero, faz parte do grupo dos chamados temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais e é muito combatido por forças conservadoras, presentes inclusive no Congresso Nacional. Essas forças com presença constante na mídia nacional tendem a reproduzir conceitos estereotipadas já presentes na consciência nacional, daí a importância de uma formação de docentes que, na condição de formandos e depois de facilitadores do processo educativo, tenham condições de abordar o tema de forma crítica, problematizando os aspectos presentes nos diversos discursos a respeito do tema.

Alguns trabalhos acadêmicos denunciam a desigualdade na questão de gênero e diversidade na escola, eles nos auxiliaram no processo de qualificação de nossas análises no decorrer deste trabalho, como por exemplo, trabalhos de Auad (2014) e Moreno (1999) que apontam como as escolas trabalham, por muitas vezes de forma desastrosa a questão, apresentando enorme diferenciação quanto as abordagens educativas envolvendo meninos e meninas. Santos (2014), aponta a escola como uma instituição disciplinadora e aprisionadora, inclusive dos desejos e dos corpos, contribuindo para o fortalecimento de estereótipos. Perrenoud (2000)

nos apresenta que os professores, independente da classe social a qual são oriundas, dentro dos sistemas escolares tendem a reproduzir uma ideologia presente naquele espaço, secularmente construído. Em geral ideologias que contemplam ideais presentes na classe média aburguesada.

O lugar que deveria servir como libertador no desenvolvimento de ações para a orientação sexual, em muitos casos está consumando visões preconceituosas a respeito das questões de gênero e diversidade. Cabe não só as políticas públicas, mas também aos profissionais de Educação a preocupação em criar projetos educativos que abordem de maneira crítica e reflexiva a questão, para que possamos de fato, construir uma educação crítica e humana. Partindo desses pressupostos a importância de uma sólida formação do educador, para que este seja o facilitador de uma intervenção que apresente uma nova visão de mundo, para que os educandos, na condição de cidadãos, possam exercer uma atuação libertadora no ambiente que os cerca (FREIRE, 2006).

O presente trabalho não tem a pretensão de encerrar as discussões sobre a questão de gênero sexual na escola, mas sim que esta pesquisa contribua para o enriquecimento do debate acerca desta temática, apontando qual é a tendência das abordagens dos professores em sala de aula, se elas auxiliam ou não, no processo de desenvolvimento de uma consciência de igualdade de gêneros.

METODOLOGIA

Nosso trabalho adotou um padrão qualitativo de pesquisa. Tal escolha deve-se, inicialmente, ao fato de trabalhar com opiniões de um grupo limitado de indivíduos.

A partir da questão: Qual é o espaço destinado à temática sobre gênero sexual, e, sobretudo o papel da mulher na sociedade, na formação contínua de professores? Traçamos o seguinte roteiro para a pesquisa:

- Levantamento bibliográfico – fizemos um levantamento bibliográfico sobre o que já foi publicado sobre o tema, juntamente com a análise e reflexão sobre os materiais colhidos.
- Pesquisa de intervenção – Com base nas informações selecionadas, nos utilizamos e inspiramos nas estratégias de intervenção presentes em bibliografias estudadas, elencamos alguns materiais para, através de um mini- curso de 8 (oito) horas divididas em quatro encontros de duas horas cada, abordar temas ligados a questão de gênero.

O minicurso objetivou o levantamento de dados sobre a recepção dos professores acerca dos temas abordados, contando com a participação de 35 professores de uma escola de ensino fundamental localizada no extremo leste da cidade de São Paulo. Sete professores declararam pertencer ao gênero masculino e vinte e oito declararam pertencer ao gênero feminino. Os encontros aconteceram durante o horário coletivo de formação docente e foram sistematizados da seguinte maneira:

Primeiro Encontro: no primeiro encontro tivemos uma conversa inicial sobre a abordagem acerca da questão de gênero, nos utilizando como apoio pedagógico o texto *Conceituando gênero* (GENERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009). Ao final do encontro solicitamos que os presentes respondessem a um questionário inspirado em pesquisa do IPEA que mede a tolerância da sociedade brasileira em relação à violência contra as mulheres (ANEXO A).

Segundo Encontro: no segundo encontro com o intuito de trazer a questão para uma reflexão acerca da abordagem escolar, trabalhamos com o texto *Igualdade de gênero e co-educação – reflexões necessárias para a construção da democracia* (AUAD, 2014) e excertos do livro *Como se ensina a ser menina* (MORENO, 1999).

Terceiro Encontro: no terceiro encontro, entre os debates a partir das reflexões das abordagens anteriores, transmitimos para o grupo o vídeo *Tabu Brasil – Mudança de Sexo* (NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY, 2013).

Quarto Encontro: no último encontro distribuímos um formulário para cada um dos presentes (APENDICE A) e solicitamos que os mesmos respondessem e entregassem ao formador o formulário preenchido até o final do encontro. Durante a atividade, transmitimos os resultados tabulados do questionário oferecido no primeiro encontro, para análise e discussão pelo grupo.

Os resultados de nossas análises exporemos a seguir.

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA E DISCUSSÃO

Quando apresentada a proposta de intervenção para o grupo de 35 professores para um minicurso de 8 horas cuja abordagem temática seria a *Questão de Gênero na Escola*, percebemos alguns olhares desconfiados e argumentações que apresentavam as seguintes preocupações: *diante de tantos problemas existentes na escola contemporânea, como a defasagem no aprendizado e graves problemas disciplinares envolvendo os alunos, seria a questão de gênero na escola a melhor temática para ocupar o tempo de formação docente?*

O exercício discursivo, a partir de então foi o de apresentar o quanto a reprodução de valores e concepções presentes em nosso dia a dia contribuem para o modelo educacional presente que perpetua uma forma de intervenção que beneficia a manutenção de um ensino de baixa qualidade, cujo subproduto é a presença de alunos desinteressados e indisciplinados. *Até que ponto a indisciplina não é produto de discriminação e preconceitos?* Com essas hipóteses, iniciamos o processo de intervenção.

Iniciamos as conversas distribuindo aos presentes o texto *Conceituando Gênero* (GENERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009), foi oferecido aos presentes 15 minutos de leitura silenciosa. Neste período observamos que aproximadamente 43% do grupo optaram em não fazer a leitura, chamou mais atenção o fato que dos sete integrantes do gênero masculino, somente um se interessou pela leitura.

Nascimento (2014) aponta que a questão da masculinidade e a definição de papéis faz parte de um constructo social, “as convenções sociais de gênero impõem um conjunto de referências e condutas apropriados aos homens, sob pena de julgamento e condenação por seus pares” (2014, p. 78), portanto, discutir sobre esse constructo, seria desprezar a dinâmica social estabelecida, assim, quando os homens do grupo se entreolharam e descobriram não estar produzindo a atividade em questão, os mesmos não se dispuseram a fazê-la, mantendo um acordo construído por bases culturais.

Após o momento da leitura silenciosa, com o auxílio do Power Point iniciamos os debates acerca dos pontos do texto que mereciam maior discussão, como a construção social do sexo anatômico, o papel da mulher no mercado de trabalho, o comportamento social e sexual culturalmente construído, identidade de gênero e movimento feminista.

A discussão que se seguiu foi considerada bastante rica e esclarecedora, a maioria das intervenções e questionamentos foram levantados por indivíduos do gênero feminino, que já possuíam alguma diretriz a respeito do tema antes da leitura inicial.

Notamos que invariavelmente os indivíduos do gênero masculino desviavam suas atenções com conversas paralelas e intervenções irônicas, como: “*Já pensou a mulher subir no telhado pra limpar a caixa d’água*”, ou “*...eu queria ficar em casa como dono de casa e minha mulher trabalhando pra sustentar a casa*”. Após essas intervenções os membros do grupo, de uma forma geral, sorriam, considerando as intervenções como piada. Esse comportamento é típico de uma cultura que se desenvolveu em torno do androcentrismo. Segundo Moreno, o “androcentrismo supõe, a partir de uma ótica social, um acúmulo de discriminações e injustiças em relação à mulher que não seriam toleradas em nenhum outro grupo humano” (1999, p.25).

O comportamento tolerante do grupo, majoritariamente feminino, e que aparentemente não se incomodaram com os apontamentos irônicos dos homens, também encontra fundamentação no trabalho de Moreno:

Se a mulher os tolera, é porque ela mesma participa do pensamento androcêntrico e tem inconscientemente aceitado todas as suas ideias; e mais, em inúmeras ocasiões, é sua principal defensora e, na imensa maioria das vezes, sua mais fiel transmissora (MORENO, 1999, p.25).

O momento mais controverso da intervenção ocorreu na discussão sobre *identidades de gênero*. Pudemos notar que os apontamentos levavam em conta toda uma carga cultural voltada a uma moral de base cristã, como por exemplo: “*Você quer me convencer então que traveco é mulher ... ta bom*” ou “*...você vai me desculpar, mas eu sou bem diferente de uma travesti, viu*”, ou ainda, “*Se existe o homem e a mulher é porque cada um tem que ter o seu papel*”. As falas registradas foram proferidas por indivíduos do gênero feminino.

O primeiro encontro tinha por objetivo realizar uma sondagem inicial, foi observado o comportamento dos indivíduos, registrada as suas falas pretendendo, para o próximo encontro, apresentamos fundamentos que qualificassem as discussões. No final do encontro solicitamos que os presentes respondessem um questionário inspirado em pesquisa do IPEA que mede a tolerância da sociedade brasileira em relação à violência contra as mulheres (ANEXO A).

No segundo encontro, nos fundamentamos a partir dos seguintes textos: *Igualdade de gênero e co-educação – reflexões necessárias para a construção da democracia* (AUAD, 2014) e excertos do livro *Como se ensina a ser menina* (MORENO, 1999); o objetivo desse encontro era demonstrar a responsabilidade do docente quanto à perpetuação ou a desintegração de uma sociedade desigual com relação ao gênero sexual. Optamos em trabalhar apenas com o recurso do power point e apresentamos temas relacionados ao androcentrismo e a contribuição da ciência para o seu fortalecimento, a construção cultural da escola mista, que mesmo mista, segrega e segmenta os gêneros e a discriminação presente nos conteúdos escolares.

Diferentemente do primeiro encontro, percebemos nesta intervenção maior recepção dos professores envolvidos, sobretudo quando das abordagens sobre a organização escolar que de forma direta ou indireta segmenta os gêneros e a discriminação presente nos conteúdos escolares. Com relação ao primeiro, a discussão iniciou em torno da questão do uso de termos proferidos tanto por alunos

como pelos professores, que podem de forma indireta, perpetuar o papel de cada gênero na sociedade, como por exemplo: “*uma menina tão bonita fazendo uma coisa tão feia*”, ou “*assume que você fez tal coisa, você é homem ou não é*”, ou ainda “*você corre como uma menininha*”.

Os professores foram questionados pelo formador com a seguinte interrogativa: *Caso escutem um aluno chamando o colega de “mulherzinha”, quantos estariam dispostos a abordar e problematizar a questão com os mesmos?* Dezesete dos 35 presentes responderam que poderia ser o caso de fazer uma intervenção. Dos que disseram que não fariam intervenções, a justificativa mais comentada foi a de que “*não viam problema nesse tipo de afirmação*”, outra justificativa dizia que “*se fossem parar a aula toda hora por causa disso, eles não dariam mais aula*”. Tais apontamentos apresentam uma visão distorcida sobre os objetivos da educação. Segundo Moreira e Silva (2001) as intervenções pedagógicas devem estar a serviço da produção do conhecimento, em razão disso, devem elas ser intencionais, portanto intervenções pontuais fazem parte do currículo escolar, igualmente os ditos programas.

O currículo há muito tempo deixou de ser apenas uma área meramente técnica, voltada para questões relativas a procedimentos, técnicas, métodos, já se pode falar agora em uma tradição crítica do currículo, guiada por questões sociológicas, políticas, epistemológicas (MOREIRA; SILVA, 2001, p.7).

Ao apresentarmos o tema sobre a discriminação presente nos conteúdos escolares, retratamos como os homens e mulheres são exibidos no meio da ciência, da história e literatura, para tanto, levamos como apoio alguns livros didáticos atuais, que são utilizados pela escola nos anos finais do Ensino Fundamental.

Os professores apontaram que os livros mais recentes já não explicitam a figura clássica da mulher como dona de casa, cuidando dos filhos, mas atentamos que ainda elas estão em menor número, pouquíssimas são retratadas como participantes do mercado de trabalho.

Para ilustrar um exemplo, no livro da disciplina de História do sétimo ano no capítulo *A Igreja Católica na Idade Média*, Joana D’Arc é retratada num quadro de canto de página que enfatiza muito mais o fato de ela ter sido condenada e queimada na fogueira como bruxa, que seus feitos em prol da monarquia francesa.

Durante o momento do debate surgiu a seguinte afirmação: “*mas a maioria dos heróis, cientistas, literatos são homens, por isso eles são tão presentes nos livros didáticos*”.

A afirmação do profissional em questão converge com o apontamento de Moreno (1999) de que a escola tende a apresentar uma atitude de negação sobre tudo o que remete ao gênero feminino:

Com a boa intenção de oferecer o melhor para seus alunos, as professoras e os professores mais experientes, para evitar discriminações, apresentam um modelo único para alunos e alunas, que é mais valorizado socialmente, ou seja, o masculino, eliminando radicalmente, ao fazer isso, o modelo feminino (MORENO, 1999, p. 68).

Mediado pelo formador, sugerimos que a escola e o professor em sala de aula problematizem essa afirmação junto aos seus alunos: quais são os motivos que fizeram com que no decorrer da história o homem predominasse nas ciências, e na literatura? Nos dias de hoje como estamos lidando com essa situação?

Percebemos que as discussões neste segundo encontro foram levadas mais a sério por parte dos membros do grupo, algumas temáticas relacionadas ao como fazer ainda necessitavam de maior debate. Naquele momento não tínhamos mais tempo para dar sequência aos questionamentos, então planejamos iniciar o próximo encontro com a discussão de como é possível abordar a temática de Gênero sem se desviar das expectativas de aprendizagem de cada ano dos ciclos de aprendizagem.

No terceiro encontro demos sequência aos debates sobre a abordagem da questão de gênero na sala de aula e para tanto, apresentamos como sugestão de leitura os textos integrais de Auad (2014) e Moreno (1999) abordados por meio de fragmentos no encontro anterior e também o artigo de César (2014), que aponta a questão da sexualidade nos currículos brasileiros e apresenta uma reflexão sobre a possível relação do tema com os programas escolares no decorrer da História da Educação.

Após este momento, objetivando tirar os presentes de suas zonas de conforto, uma vez que já estava perceptível que as opiniões do grupo começaram a ser proferidas através de frases de efeito, ou seja, buscando uma intervenção de caráter reflexivo, apresentamos o vídeo *Tabu – Mudança de Sexo* (TABU – BRASIL, 2013) para abordar o tema identidade de gênero.

O vídeo em questão apresenta o relato de três transexuais brasileiros: João Neri, Maitê Schneider e Carol Marra, suas angústias e preconceitos vividos durante suas trajetórias de vida.

Durante a transmissão do vídeo voltamos a ouvir algumas intervenções paralelas irônicas ou que demonstravam total desconhecimento sobre o assunto, como por exemplo: “e aí, você comeria essa mulher de tromba”, ou “era um homem tão bonito, porque foi se meter a ser mulher”, ou ainda, “vê como era só frescura fez tudo isso [cirurgia de mudança de sexo] pra depois namorar uma mulher³”.

Após a transmissão do vídeo, o debate revelou o quanto o tema da identidade de gênero ainda precisa ser esclarecido para a sociedade de uma forma geral e, em especial para os profissionais de Educação.

Perguntamos de forma oral quantos dos presentes conheciam a lei municipal que rege sobre a questão do nome social?⁴ Dez dos presentes já ouviram falar sobre a lei, outros cinco ouviram falar sobre alguma coisa a respeito, mas ignoravam a existência de uma lei, vinte dos presentes nunca sequer tinham ouvido falar sobre o assunto. Nenhum dos presentes na sala haviam lido ou tido acesso ao texto da lei na íntegra.

Quando debatemos sobre o enredo do vídeo, poucas foram as intervenções que buscavam conhecer melhor o assunto, sobretudo como lidar com o tema no ambiente escolar, objetivo dessa intervenção. Ocorreram somente duas intervenções com os seguintes questionamentos: “Como poderíamos proceder, enquanto professor, numa situação em que um aluno não se reconhece enquanto menino? E O PP⁵ da escola contempla alguma ação nesse sentido?”.

Apontamos que os teóricos da Educação, sobretudo Paulo Freire (2006) citam que educar é um ato de respeito, portanto em qualquer situação em que as diversidades sejam evidentes e causem desconforto e conflitos, é papel do profissional de Educação problematizar a situação de forma que os pertencentes a um determinado grupo escolar se reconheçam entre si como indivíduos dotados de direitos e deveres na mesma proporção.

³ Ao se referir a uma participante do documentário que se declarava bissexual.

⁴ Decreto Municipal Nº 51.180, de 14 de janeiro de 2010.

⁵ Referindo-se ao Projeto Político Pedagógico da escola em questão.

Grande parte dos presentes preferiu não se manifestar durante a fase de debates e um grupo de cinco profissionais, três do gênero masculino e dois do gênero feminino, expuseram suas opiniões formadas sobre o tema. O debate que se seguiu apresentou muito mais argumentos voltados ao julgamento da questão que uma forma de compreensão dos casos apresentados. As frases mais utilizadas por parte dos profissionais presentes foram: “*não tiveram educação adequada*” e “*são pessoas desequilibradas emocionalmente*”. Tais apontamentos podem estar relacionados à estranheza no ato de transgressão de seus corpos, seriam corpos que não mantiveram suas amarras disciplinarizadas (Foucault, 2007) e como não estão conectados a um padrão de normalidade, acabam por serem vistos como eventos bizarros, alheios, marginais.

Incontável família dos perversos que se avizinha dos delinquentes e se aparenta com os loucos. No decorrer dos séculos eles carregaram sucessivamente o estigma ‘da loucura moral’, da ‘neurose genital’, da ‘aberração’ do ‘sentido genésico’, da ‘degenerência’, ou do ‘desequilíbrio psíquico’.

O que significa o surgimento de todas essas sexualidades periféricas? O fato de poderem aparecer à luz do dia será o sinal de que a regra perde em rigor? Ou será que o fato de atraírem tanta atenção prova a existência de um regime mais severo e a preocupação de exercer-se sobre elas um controle mais direto? (FOUCAULT, 1999, p.41)

Ao serem indagados sobre o que fundamentava tais opiniões, percebemos que elas fazem parte do senso comum, são opiniões que carecem de fundamentos de base científica, pois as respostas sobre este questionamento também eram evasivas, como por exemplo: “*Eu acho*”, ou “*é a minha opinião*”, “*eu não acho isso normal*” ou ainda, “*se elas [as pessoas retratadas pelo vídeo] amassem os pais que tem em casa, não fariam isso*”.

Para aprofundamento da questão, uma vez que o tempo do encontro estava se esgotando, foi sugerida a leitura do texto de Santos (2014), explanamos aos presentes que o texto sugerido se embasa em diversos referenciais para apresentar a experiência transexual na escola.

No último encontro distribuimos um formulário para cada um dos presentes o formulário continha as seguintes questões: *Considerando as abordagens dos três encontros anteriores, e seus conhecimentos acerca dos temas abordados, responda aos seguintes questionamentos: você já refletiu acerca da diversidade de gênero em seu local de atuação profissional? A partir da noção de diversidade de gênero abordada nessa intervenção, e sua relação com diferença e desigualdade, comente como é a sua realidade profissional. Considerando os aspectos estereótipo e preconceito: quais as principais manifestações de preconceito de gênero observadas? Há alguma medida institucional para minimizar tais manifestações?*⁶

Solicitamos que os presentes respondessem ao questionário até o final do encontro, porém dos 35 presentes, somente 28 nos devolveram o questionário preenchido. Dos sete membros que não devolveram o questionário, três eram indivíduos do gênero masculino.

Dos vinte e oito profissionais que devolveram o questionário, três registraram a seguinte frase *nada a declarar*, dois do gênero feminino e um do gênero masculino.

⁶ Questionário inspirado na atividade 1 do módulo Introdução ao Gênero e Diversidade na Escola do curso de Pós-graduação Lato Sensu em Gênero e Diversidade na Escola, promovido pela UFPR entre 2014 e 2015.

Após receber a maioria dos questionários preenchidos e perceber que parte do grupo não cumpriria a tarefa, transmitimos os resultados tabulados do questionário inspirado em pesquisa do IPEA que mede a tolerância da sociedade brasileira em relação à violência contra as mulheres (ANEXO A), oferecido no primeiro encontro, para análise e discussão pelo grupo.

RESULTADOS

No que se refere aos resultados do questionário fornecido aos professores que participaram do minicurso no primeiro encontro, questionário esse inspirado na pesquisa do IPEA que mede a tolerância da sociedade brasileira em relação à violência contra a mulher (ANEXO A), apresentamos dois gráficos que nos darão uma ideia sobre o que pensam os profissionais envolvidos na pesquisa:

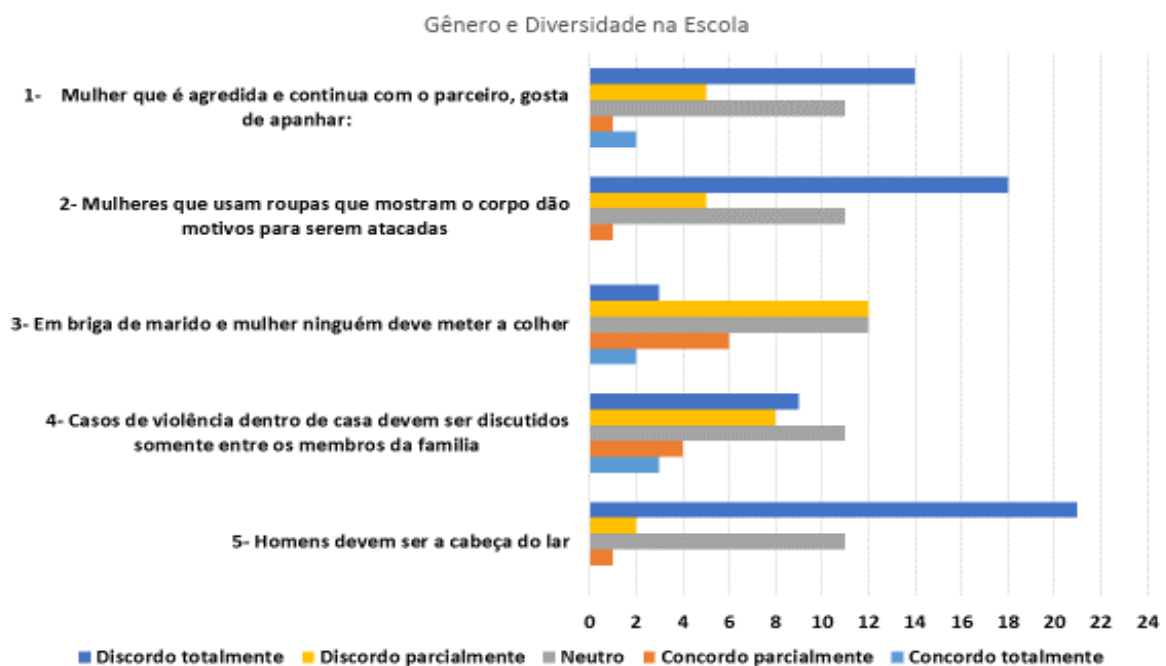


Gráfico 1 – Primeira parte do questionário

Gênero e Diversidade na Escola

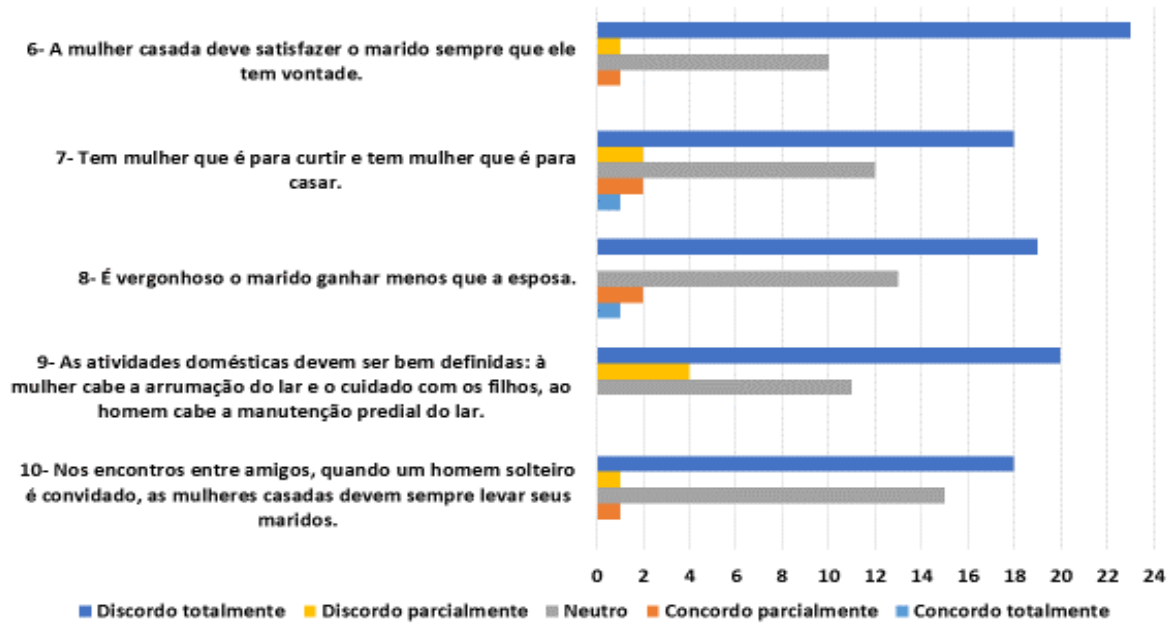


Gráfico 2- Segunda parte do questionário⁷

O primeiro fator que nos chamou atenção logo no início da tabulação dos dados foi número elevado de pessoas que apontaram a alternativa *Neutro*. Um total de 10 questionários foram respondidos, apontando todas as questões à citada alternativa. Dos respondentes, a maioria de indivíduos pertencia ao gênero feminino (oito respondentes) apontaram a alternativa *Neutro* em todas as questões.

Larrauri (2008) indica que quando se trata da questão de gênero, a neutralidade se apresenta de forma meramente aparente, ao não se posicionar acerca do tema, o indivíduo está privilegiando a manutenção da norma vigente, ou seja, a reprodução da lógica masculina.

No restante dos questionários, percebemos que a maioria das respostas condiz com o que se espera sobre a ideologia da igualdade de gênero, porém houve respostas que nos surpreenderam, sobretudo pelo fato de se tratar de respondentes educadores em regência de sala de aula, vejamos:

Na primeira questão “*Mulher que é agredida e continua com o parceiro, gosta de apanhar*”, dos três respondentes que concordam com tal afirmação, dois eram do gênero feminino, uma das participantes também concordou totalmente que é “*vergonhoso o marido ganhar menos que a esposa*”, a outra concordou parcialmente que “*mulheres que usam roupas que mostram o corpo, dão motivos para serem atacadas*”. Essa respondente também concordou totalmente, junto a uma outra respondente do gênero feminino e um outro de gênero masculino que os “*casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família*”.

Na afirmação “*os homens devem ser a cabeça do lar*”, uma respondente do gênero feminino concordou parcialmente com a afirmação, porém essa mesma pessoa também concordou parcialmente que “*a mulher casada deve satisfazer o marido sempre que ele tem vontade*”.

Os exemplos citados apresentam uma pequena amostra sobre como a nossa construção social apresenta traços de características machistas e sexistas mesmo

⁷ Gráficos produzidos pelo autor.

em indivíduos do gênero feminino, lembrando que estamos tratando de respondentes que exercem uma profissão intelectual e que, em tese apresentam independência financeira.

Moreno (1999) aponta que a sociedade reproduz padrões e modelos de comportamento, ela justifica esse tipo de postura com os seguintes argumentos:

Os modelos de comportamento atuam como organizadores inconscientes da ação, e é esta característica de inconsciência que os torna mais dificilmente modificáveis. São transmitidos de geração em geração e séculos após séculos por meio da imitação de condutas e de atitudes que não chegam a ser explicitados verbalmente ou por escrito, mas que são reconhecidas por todos e compartilhadas por quase todos (MORENO, 1999, p.30).

Observamos também algumas afirmações cujas concordâncias apresentam o caráter machista dos respondentes pertencentes ao gênero masculino, por exemplo, três dos cinco homens do grupo que opinaram sobre o questionário⁸ concordaram com a afirmativa “*tem mulher que é para curtir e tem mulher que é para casar*”, dois deles optaram em não opinar (apontaram a alternativa *Neutro*) sobre a afirmativa nos “*Happy Hours ou outros encontros entre amigos, quando um homem solteiro é convidado, as mulheres casadas devem sempre levar os seus maridos*”. O terceiro apresentou concordar parcialmente com tal afirmação.

A publicação *Gênero e Diversidade na Escola* (2009) aponta que o papel de cada um dos gêneros sexuais está socialmente construído, criando valores e padrões de conduta esperados para cada seguimento sexual:

Esses modelos de comportamento sexual e social podem se tornar verdadeiras prisões ou fontes de agudo sofrimento quando moças e rapazes não se encaixam nos estereótipos de gênero previamente designados. Qualquer inadaptação ou desvio de conduta corre o risco de ser duramente criticada/o ou discriminada/o socialmente... (GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009, p. 52)

Ao tabularmos as questões discursivas registradas pelos participantes do curso no último encontro, as respostas impressas, de uma forma geral, apresentaram um movimento de negação sobre o problema a ser enfrentado no ambiente escolar. De uma forma geral os respondentes se limitaram a responder às questões de forma evasivas, sem aprofundamento no discurso, raras foram as respostas que foram construídas a partir das reflexões apresentadas durante os encontros.

No primeiro questionamento: “*Você já refletiu acerca da diversidade de gênero em seu local de atuação profissional?*” Vinte e cinco dos 28 respondentes apontaram que não, os três que responderam de forma afirmativa não desenvolveram a resposta, se limitaram a responder “*Sim*”.

A sequência do questionário trazia a seguinte questão: “*A partir da noção de diversidade de gênero abordada nessa intervenção, e sua relação com diferença e desigualdade, comente como é a sua realidade profissional*”. Vinte dos respondentes apontaram que não há problemas relacionados à questão de gênero na escola, uma das respostas reflete o que a maioria dos respondentes pensa sobre: “*...a docência é uma profissão predominantemente feminina, aqui os homens são minoria, não vejo*

⁸ Excetuando os membros que responderam a alternativa *Neutro*

problemas de machismo nesta escola”. Um dos oito respondentes que desenvolveram uma resposta sobre a diferença e desigualdade apontou que depois das abordagens apresentadas pelo minicurso, percebeu que as diferenças “*não são claras, elas estão nas entrelinhas, naquele professor que é mais respeitado que a professora, quando um pai quer conversar com o coordenador e não com a diretora, vejo que as diferenças são sutis, não declaradas*”.

Segundo Moreno (1999) essa postura de pais e alunos ocorre em razão do modelo androcêntrico de sociedade:

O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo (MORENO, 1999, p. 23).

Sobre a questão: “*Considerando os aspectos estereótipo e preconceito: quais as principais manifestações de preconceito de gênero observadas?*” Quinze dos respondentes apontaram que os problemas sobre esta questão estão mais presentes na relação aluno X aluno que na relação professor X aluno, professor X professor ou professor X comunidade. Nove respondentes apontaram não terem observado manifestações de gênero e preconceito, desses, metade mais um admitiram que existem problemas ligados à *opção sexual* na escola, porém não percebem manifestações de preconceito de gênero. Ao negarmos a diferença e o preconceito de gênero, eliminamos a possibilidade de debate sobre o problema (LARRAURI, 2008). Somente quatro dos respondentes admitiram haver manifestações de gênero e preconceito observadas em todos os seguimentos escolares. Um dos respondentes pertencente ao gênero feminino, descreveu as manifestações da seguinte forma: “*Elas acontecem sem a pessoa se dar conta de que a pessoa está sendo preconceituosa, certo dia escutei de um colega que estimo muito, numa situação de desrespeito de um aluno a uma professora, que ... é ‘folgado assim porque a professora... é doce, sensível, queria ver se fosse comigo que sou homem se ele iria fazer isso’ e ainda completou ‘vou lá falar com ele para mandar ele pedir desculpas pra professora’*”.

Neste caso em questão o professor teria atribuído o incidente exclusivamente ao fato de a professora pertencer ao gênero feminino e que essa situação não ocorreria com o professor por pertencer ao gênero masculino. Curiosamente, o professor citado apontou em seu questionário nunca ter presenciado manifestações de preconceito de gênero na escola.

As respostas para a última questão: “*Há alguma medida institucional para minimizar tais manifestações?*”, apresentaram a maior de todas as contradições sobre o tema abordado. Todos os respondentes apontaram a possibilidade de alguma *medida institucional*. A contradição ocorre, uma vez que nas questões anteriores, parte do grupo afirmou não presenciar problemas envolvendo questões de gênero na escola, portanto, apresentavam possibilidades para um problema que acreditam não existir.

Em geral os respondentes apontaram medidas vagas como “*oferecer cursos sobre o assunto*”, outras respostas não apresentavam muito nexos com o objeto de debate, como “*melhorar as condições de trabalho do professor*”. Um respondente, do gênero feminino afirmou que a abordagem apresentada no minicurso “*já pode ser considerada como uma medida institucional para minimizar tais manifestações, desde que não pare por aí*”, um outro membro do grupo, este do gênero masculino

apontou que “a questão de gênero é uma questão de saúde, faz sim parte do currículo escolar, por isso o tratamento do tema tem que estar previsto no PPP e ser aplicada em sala de aula por todos os professores”.

De uma maneira geral as respostas aos questionários e os comentários proferidos durante a intervenção evidenciaram que os profissionais de Educação do grupo pesquisado, em sua maioria ainda não estariam preparados para a abordagem de temas ligados a sexualidade, uma vez que parte dos apontamentos apresentados trazem elementos machistas e sexistas, ou seja, com relação à temática, entendemos que parte considerável dos profissionais ainda estaria longe de promover a transformação das mentalidades e a quebra de pré-conceitos e estereótipos que envolvem a condição da mulher na sociedade contemporânea.

Com relação ao grau de compreensão e comprometimento dos profissionais de Educação com a abordagem de currículos que objetivam a formação humana do indivíduo, consideramos que os docentes, ao não reconhecerem a problemática envolvendo a questão de gênero, evidenciado pelas arguições apresentadas neste trabalho, como consequência, não estão aptos a promoverem ações que visam abordar o tema em sala de aula.

De acordo com o questionário reflexivo, alguns dos agentes envolvidos na pesquisa apresentaram que as abordagens do mini curso auxiliaram “na perspectiva de parar para pensar sobre o tema”, dessa maneira, consideramos que o envolvimento dos docentes com a temática, e suas abordagens em programas de formação continuada pode ser um facilitador para que a questão de gênero seja discutida nas escolas estimulando os profissionais de Educação a refletir sobre as abordagens de temáticas curriculares que contribuam para o desenvolvimento da formação humana do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos durante o processo de pesquisa que as intervenções cujo tema perpassa sobre a questão de gênero sexual causam certo incômodo para todos os envolvidos, mesmo num ambiente predominantemente feminino, como no segmento dos profissionais de Educação, a abordagem sobre o tema não passou sem o diagnóstico do achaque. Percebemos o desconforto expressado pelo silêncio de parte do grupo que optou em não participar dos debates desenvolvidos durante as abordagens, no excesso do uso do item *Neutro* ao responderem o questionário que mede a tolerância sobre a violência contra a mulher ou a não devolução do questionário de opinião sobre as questões de gênero na escola.

Embora nos círculos feministas a luta pela igualdade de gênero complete um século, e são elas as principais responsáveis pelas conquistas femininas ocorridas durante todo o século XX e XXI, as discussões ainda estão amadurecendo no ambiente escolar, haja vista que os cursos de pós-graduação sobre Gênero e Diversidade na Escola, abrigados pelas universidades federais ainda não completaram uma década de existência.

A escola, na figura de seus profissionais ainda prefere ignorar a questão, ou não refletir sobre a existência de um problema, a ter que enfrentá-lo. Os profissionais atualmente adotam um discurso em defesa da igualdade, porém a discussão sobre a equidade ainda está distante do repertório escolar e isso pode

contribuir e fortalecer o papel normatizador das ações sociais ao qual as instituições de ensino vêm sendo acusadas.

A normatização de posturas e comportamentos faz parte do universo cultural. A sociedade ocidental está assentada no ideal de comportamento social cristão. Todos aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos e socialmente aceitos acabam por ser considerados anormais, bizarros.

Sendo a normatização de posturas e comportamentos uma construção cultural, a escola seria uma instituição privilegiada para o trabalho de problematização e crítica sobre a manifestação cultural que privilegia o machismo, o sexismo e o patriarcalismo, mas para tanto, nela deverão existir agentes capazes de compreender esta cultura e que estejam dispostos a trabalhar no intuito de transformá-la, através de uma formação que prime pelo respeito e valorização das diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela. Igualdade de gênero e co-educação: reflexões necessárias para a construção da democracia. SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio (ORGs). **Diversidade e Educação**: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Matinhos: UFPR Litoral, 2014, p.31-48.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Escolarização da sexualidade: apontamentos para uma reflexão. In: SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio (ORGs). **Diversidade e Educação**: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Matinhos: UFPR Litoral, 2014, p.17-30.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução: Maria Thereza Costa de Albuquerque & J.A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários a prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA. Módulo II Gênero. In: _____. **Formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual, e Relações Étnico-Raciais**. Livro de Conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009, p. 39-106.

LARRAURI, Elena. **Mujeres y Sistema Penal**: violencia domestica. Montevideo: B de F, 2008.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA Tomás Tadeu. Sociologia e Teoria Crítica do Currículo: uma introdução. In: _____ (Orgs). **Currículo, Cultura e Sociedade**. Tradução: Maria Aparecida Batista. São Paulo: Cortez, 2001, p.7-39.

MORENO, Monserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. Tradução: Ana Venite Fuzatto – São Paulo: Moderna, 1999.

NASCIMENTO, Marcos. Relações de amizade entre homens homo e heterossexuais: dinâmicas de gênero no contexto das masculinidades. In: STREY, Marlene Neves; MUHLEN, Bruna Kimberg; KOHN, Kelly Cristina (Orgs). **Caminhos de Homens**: gênero e movimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 75-100.

NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY. **Tabu Brasil – Mudança de sexo**. Exibido em 05 de junho de 2013. In: <https://www.youtube.com/watch?v=fCDeJaGCcs0> Acessado em 24 de maio de 2015.

PERRENOULD, Phellipe. **Pedagogia Diferenciada** – Das Intenções a Ação. Tradução: Patrícia Chianot Ramos – Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. A experiência transexual e a escola. SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio (ORGs). **Diversidade e Educação**: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Matinhos: UFPR Litoral, 2014, p. 171 – 182.

ANEXOS

ANEXO A

GENERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA:

Uma pesquisa do IPEA realizada em 2014 apresentou o questionário abaixo, gostaríamos que respondessem o mesmo para efeito de comparação:

GÊNERO: () FEMININO () MASCULINO

1- Mulher que é agredida e continua com o parceiro, gosta de apanhar:

() concordo totalmente () concordo parcialmente () Neutro () discordo parcialmente () discordo totalmente

2- Mulheres que usam roupas que mostram o corpo, dão motivos para serem atacadas:

() concordo totalmente () concordo parcialmente () Neutro () discordo parcialmente () discordo totalmente

3- Em briga de marido e mulher ninguém deve meter a colher”:

() concordo totalmente () concordo parcialmente () Neutro () discordo parcialmente () discordo totalmente

4- Casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família

() concordo totalmente () concordo parcialmente () Neutro () discordo parcialmente () discordo totalmente

5- Os homens devem ser a cabeça do lar

() concordo totalmente () concordo parcialmente () Neutro () discordo parcialmente () discordo totalmente

6- A mulher casada deve satisfazer o marido sempre que ele tem vontade:

() concordo totalmente () concordo parcialmente () Neutro () discordo parcialmente () discordo totalmente

7- Tem mulher que é para curtir e tem mulher que é para casar:

() concordo totalmente () concordo parcialmente () Neutro () discordo parcialmente () discordo totalmente

8- É vergonhoso o marido ganhar menos que a esposa

() concordo totalmente () concordo parcialmente () Neutro () discordo parcialmente () discordo totalmente

9- As atividades domésticas deve ser bem definidas. A mulher cabe a arrumação do lar e o cuidado com os filhos, ao homem cabe a manutenção predial do lar

() concordo totalmente () concordo parcialmente () Neutro () discordo parcialmente () discordo totalmente

10- Nos *Happy Hours* ou outros encontros entre amigos, quando um homem solteiro é convidado, as mulheres casadas devem sempre levar os seus maridos

() concordo totalmente () concordo parcialmente () Neutro () discordo parcialmente () discordo totalmente

